

Exm.º Senhor Presidente da CM de Grândola Dr. Carlos Beato

Bastonário da Ordem Farmacêuticos Dr. Carlos Maurício Barbosa

Bastonário da Ordem Médicos Dr. José Manuel Silva

Representante da Ordem dos Enfermeiros

Exm.º Senhor Presidente da SPP - Dr António Guerra

Ex- Presidentes da SPP

Exm.ºs membros dos órgãos diretivos da SPP e das Sociedades/Secções que dela fazem parte

Caros profissionais de saúde

Minhas senhoras e meus senhores

A realização do 13º Congresso Nacional de Pediatria pela SPP prova a assunção da sua responsabilidade, para continuar a assumir a preponderação na formação de todos os profissionais que prestam cuidados de saúde às crianças.

Um dos temas que é alvo das minhas preocupações, pelo que observo e pelos comentários que me têm chegado, prende-se com o progressivo esvaziamento e talvez desprestígio da figura do pediatra geral, esquecendo-nos nós, que ele é o responsável pela grande maioria dos cuidados prestados às crianças que recorrem aos hospitais.

Enquanto a medicina de adultos tenta recuperar dos erros cometidos ao longo dos anos, recentrando novamente o médico de medicina interna no centro do sistema, na pediatria assistimos à sua balcanização.

Recorramos à definição da etimologia da palavra infância (do latim IN (não) FANCIA (capacidade da fala), a que se ligou a observação da exibição por parte das crianças, de comportamentos inapropriados para um adulto, e enraizou nas comunidades, no passado, a ideia de criança como a de um adulto incompleto.

Hoje felizmente não é assim, porque produto de um conhecimento pertinente, só possível nos nossos dias, graças à plena integração de muitos conhecimentos, se sabe que a criança é um ser biopsicossocial, com uma identidade própria.

Apesar de consensual, este conceito de criança só por si, não garante às crianças a assunção da sua identidade e por isso o respeito pelos seus direitos e dignidade.

Tal garantia só será concretizada se a nossa interação com as crianças não tiver na sua construção como matriz, a utilizada no mundo dos adultos! No acompanhamento e tratamento das crianças a nível hospitalar, que matrizes estamos nós a utilizar?

Recuando no tempo, sabemos que com o renascimento, a racionalidade tomou como paradigma o universo matemático e mecânico. A razão tornou-se o único instrumento credível e válido na produção de conhecimento científico, eliminando desse conhecimento tudo o que no homem não fosse mensurável e não se pudesse traduzir num número.

A identidade do homem foi desta forma sendo reduzida a um corpo, corpo esse entendido como um somatório de máquinas diferentes e complexas.

Múltiplas complexidades, que exigiram gradualmente a fragmentação do corpo mensurável, em inúmeras especializações, passando esse corpo a ser visto como um objeto submetido ao controlo e manipulação científica. E é já um homem apenas corpo, amputado da sua identidade que o conhecimento científico e tecnológico da atualidade encontra, estuda e trata.

Muitos de nós, aceitaram transformar-se no que Ortega y Gasset apelida de sábios-ignorantes: “Especialistas que não são sábios, porque ignoram formalmente o que não é da sua especialidade; mas também não são ignorantes porque são homens da ciência altamente conhecedores do seu bocadinho de universo!

Na atualidade, não só os médicos, mas também os cidadãos na sua generalidade, todos contemporâneos no contexto histórico, seduzidos pela tecnologia, talvez por a considerarem mais científica e pelo saber especializadíssimo dos sábios-ignorantes, ajudam a que seja abandonada a visão holística da pessoa, a favor de uma visão focalizada num mau funcionamento de um órgão ou sistema.

Tal situação tem vindo a contribuir para que se saiba mais sobre o particular, sem contudo se avançar no sentido de um melhor entendimento da totalidade da pessoa.

Digamos que no estudo do doente, o excesso de especialização, o retalha podendo reduzi-lo a um puzzle difícil de construir.

Sendo esta a matriz onde assentam hoje a generalidade dos processos de atendimento de doentes, por parte dos médicos, será legítimo formular duas questões agora centradas na criança:

1ª Sendo a criança considerada por todos, um ser biopsicossocial com uma identidade própria, será legítimo atendê-la da mesma forma que os adultos, ainda hoje o são, amputando-a de todas as partes da sua identidade que não são mensuráveis?

2ª Questão: Perdido o olhar holístico sobre a criança encaminhada e tratada por especialistas de órgão ou sistema, a quem caberá recolher as peças, dar-lhe um sentido e um lugar para construção do puzzle?

É meu entendimento que o encaminhamento e atendimento exclusivo de crianças por especialistas de especialistas, pode condicionar e limitar a qualidade e sucesso do tratamento médico a que a criança tem direito, do ponto de vista da sua avaliação global e da oportunidade que representa sempre o contacto com o meio hospitalar, para a promoção da saúde e prevenção da doença, hoje e nos dias que correm de tantas carências, ainda mais importantes.

Sou de opinião que o imprescindível, enorme e indiscutível saber acumulado pelos especialistas, só cumprirá as suas funções, se for colocado à disposição, for partilhado e discutido com o médico pediatra generalista que dele carece, afinal o único ator que tem recursos para não perder a visão holística da criança, a única visão capaz de respeitar a sua identidade!

Por isso defendo que o Pediatra Geral deve ser o elemento focal da criança e da família no hospital, com as devidas exceções na criança com doença crónica.

Não quero terminar sem deixar de me associar ao Dia Internacional da Criança Garota, proclamado pelas Nações Unidas, que hoje dia 11 de outubro se comemora pela primeira vez.

É sua intenção chamar-nos a todos a atenção para as desigualdades de género e promover os direitos das raparigas, ainda vitimas em todo o mundo e também em Portugal dessa discriminação.

Em algumas etnias a mutilação genital e a proibição da frequência da escola, e em todas o abuso sexual e da indústria do sexo, as raparigas são vítimas preferenciais e infinitamente mais numerosas que os rapazes.

É um facto que na saúde, para nós, profissionais que tratam e zelam pelo bem-estar das crianças, a "Criança" é um valor único e irrepetível, distinta das coisas que a rodeiam, tem uma natureza própria, fundamentada numa identidade própria, que deve ser respeitada.

E que melhor local para a promover do que o Forum que constitui este 13º Congresso Nacional de Pediatria.

Disse

Tróia, 2012.10.11

Bilhota Xavier